"Facilitar o acesso das pessoas à USP seria uma medida de segurança altamente eficaz"
RAQUEL ROLNIK, PROFESSORA DA FAU

papo reto

Novas medidas isolam a comunidade

Universidade deveria buscar maior integração com moradores em vez de afastá-los

Felipe Gomes
Gabriel Roca

Após a morte do estudante Felipe Ramos de Paiva, no mês passado, medidas de segurança têm sido implementadas e debates realizados na Universidade de São Paulo. O Jardim São Remo, responsabilizado pelo ocorrido de forma preconceituosa, sofrerá com o fechamento dos portões em horários determinados.

Aidê Felisberto, presidenta da Associação de Moradores, afirma que 59% das famílias na SR têm pelo menos uma pessoa que trabalha na universidade e questiona a pequena retribuição oferecida pela instituição aos moradores.

O fato da USP ser pública é pouco conhecido pelos são remanos, segundo Élbio Miyahira, coordenador do projeto Girassol. Ela funciona via impostos pagos por todos os paulistanos. Assim, medidas para integrar a comunidade à universidade são necessárias.

GABRIEL ROCA

Muro da USP: universidade tende a se fechar cada vez mais

Em vez disso, a Coordenadoria do Campus aumenta o isolamento. Isso será feito via medidas como o aumento do muro que separa os dois lados e o fechamento do portão durante a madrugada, prejudicando aqueles trabalhadores que precisam voltar mais tarde para suas casas.

A professora Vera Boholometz Henriques, diretora da Comissão de Cultura e Extensão do Instituto de Física, afirma que parcerias entre a universidade e as escolas públicas que a cercam a aproximariam do universo das crianças, criando novas expectativas de um futuro melhor para elas.

Facilitar o acesso das pessoas à USP poderia ser uma medida de segurança altamente eficaz, de acordo com a urbanista e professora da FAU, Raquel Rolnik. Tal iniciativa criaria um vínculo de respeito entre a sociedade e a universidade, permitindo com que todos possam desfrutar de suas praças e espaços públicos. Além disso, a maior circulação de pessoas dentro do campus acabaria com o problema das ruas estarem frequentemente vazias, tornando-as menos perigosas

Certamente a solução para o problema da violência não é o preconceito. Os são remanos, tanto crianças quanto adultos, devem fazer atividades físicas e educacionais na universidade para não sentirem-se excluídos e marginalizados, mas parte integrante desse grande processo.

São remanos são discriminados pela polícia

Felipe Gomes
Gabriel Roca

Moradores afirmam que a repressão policial aumentou na São Remo após a morte do estudante. Isso reflete o preconceito que a comunidade sofre por parte do restante da sociedade.

Segundo um adolescente, os policiais tratam de modo diferente os garotos que são moradores do Jardim São Remo. O menino afirma que já "tomou enquadros" e chegou a ser agredido pelos policiais. "Quando é noite eles batem mesmo". Outro garoto afirmou que foi abordado dentro de um circular na universidade. "Eles perguntaram se eu era daqui e mandaram descer. Tratam a gente sem nenhum respeito".

Os principais alvos da ação policial nas comunidades mais pobres são os jovens e adolescentes. Mas pessoas mais velhas também têm reclamado. "Eles mesmos não respeitam as famílias. Passam apontando armas para as casas", disse Sandra de Silva Ferreira.

Além disso, muitos policiais desfilavam pela comunidade com armamento pesado em frente a crianças. Ao ser questionado, um policial do Deic (Departamento de Investigações Sobre o Crime Organizado) afirmou que isso fazia parte da convivência entre os moradores de bairros de baixa renda e a polícia e que as armas estavam sendo portadas por profissionais capacitados.

Alguns moradores, porém, afirmaram que a presença da polícia refletia em mais segurança para a comunidade. "Quando entram na favela, eles tem que ser duros mesmo. Moro aqui há 36 anos, nunca bati nem nunca apanhei de ninguém. Gente ruim tem que ser punida", afirmou um senhor que não quis se identificar.